

## Artigos Originais

# Motivos para a inexistência de treinamento específico de goleiros de handebol no Brasil<sup>1 2</sup>

Reasons for the lack of specific training for handball goalkeepers in Brazil

Razones de la falta de entrenamiento específico para porteros de balonmano en Brasil



**Julie Hellen de Barros da Cruz**

Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil

E-mail: juliebcruzz@gmail.com



**Tamires Carvalho Motta**

Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil

E-mail: tamirescmotta@hotmail.com



**Rose Méri Santos da Silva**

Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil

E-mail: roseufpel@yahoo.com.br



**Gabriel Gustavo Bergmann**

Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil

E-mail: gabrielbergmann@gmail.com

1 O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

2 O presente artigo é parte da dissertação de mestrado intitulada “Treinamento de goleiros de handebol: estudo descritivo em equipes nas categorias de base no Brasil”, defendida em 2021 no Programa de Pós-graduação em Educação Física da Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal de Pelotas, sob autoria de Julie Hellen de Barros da Cruz.

**Resumo:** O objetivo do estudo foi descrever os principais motivos apontados pelas equipes de handebol que não possuem treinamento específico (TEG) para goleiros no Brasil. Teve seu delineamento quantitativo, descritivo e transversal, com a amostra caracterizada como não aleatória, por conveniência, composta por treinadores de handebol do Brasil sem TEG. Foi utilizado um formulário on-line como instrumento de coleta de dados e a amostra final contou com 55 respondentes. Como principais motivos para a inexistência de TEG, 67,3% relataram tempo insuficiente para contemplar e 52,7% mencionaram a falta de profissional responsável. Além disso, ainda que em menor frequência, 43,7% aderiram o motivo a algum fator relacionado com formação profissional.

**Palavras-chave:** esportes; estudos transversais; realidade; handebol.

**Abstract:** The aim of the study was to describe the main reasons given by handball teams that do not have specific training (ST) for goalkeepers in Brazil. It had a quantitative, descriptive and cross-sectional design, with the sample characterized as non-random, for convenience, composed of handball coaches from Brazil without ST. An online form was used as a data collection instrument and the final sample included 55 respondents. As the main reasons for the lack of ST, 67.3% reported insufficient time to contemplate it and 52.7% mentioned the lack of a responsible professional. Furthermore, although less frequently, 43.7% said the reason was some factor related to professional training.

**Keywords:** sports; cross-sectional studies; reality; handball.

**Resumen:** El objetivo del estudio fue describir las principales razones dadas por los equipos de balonmano que no cuentan con entrenamiento específico (EE) para porteros en Brasil. Tuvo un diseño cuantitativo, descriptivo y transversal, caracterizándose la muestra como no aleatoria, por conveniencia, compuesta

por entrenadores de balonmano de Brasil sin EE. Se utilizó un formulario en línea como instrumento de recolección de datos y incluyó a 55 participants. Como principales motivos, 67,3% refirió tiempo insuficiente para contemplarlo y el 52,7% mencionó la falta de un profesional responsable. Además, aunque con menor frecuencia, 43,7% afirmó que el motivo era algún factor relacionado la formación profesional.

**Palabras clave:** deportes; estudios transversales; realidad; balonmano.

Submetido em: 31/05/2024

Aceito em: 21/08/2024

## 1 Introdução

O handebol é uma modalidade esportiva coletiva que tem como principal objetivo vencer o adversário marcando um maior número de gols. Na composição das equipes existem diferentes papéis a serem desempenhados pelos atletas, dentre estes temos a figura do goleiro, que normalmente é a última barreira entre a bola e o gol (Huesmann *et al.*, 2023). Tendo isso em vista, é exigido do goleiro seu melhor nível de desempenho para impedir o sucesso da equipe adversária, podendo ser considerado um dos mais importantes integrantes dentro de uma partida (Hansen *et al.*, 2017; Huesmann *et al.*, 2023; Aguilar; Sánchez; Puig, 2021).

Com base na importância evidenciada do goleiro dentro de uma equipe, é relevante entender as especificidades de sua função, em termos de exigências físicas, ações motoras e capacidades perceptomotoras. Dentre estas habilidades específicas podemos citar a posição base, os deslocamentos, as técnicas de defesa e a atenção centrada no jogador e na bola (Medina, 2003). Nesse sentido, algumas capacidades físicas precisam ser estimuladas de forma diferente do restante da equipe, tais como a flexibilidade, coordenação, equilíbrio, agilidade, resistência, força e velocidade (Medina; Parra, 2008). Além disso, aspectos perceptivos e motores também precisam de estímulos diferenciados para a posição, tais como: capacidade perceptiva visual, antecipação, tempo de reação, atenção, estratégias posicionais, concentração e memorização das ações dos adversários (Alberto; Figueiredo; Apolinário-Souza, 2016).

Nesse sentido, de acordo com Fontén, Bernal e Jova (2021), o goleiro desempenha uma função que requer uma preparação diferente dos demais membros da equipe, levando em consideração que possui características singulares dentro de uma partida. Assim, levando em conta o princípio da especificidade, torna-se essencial a existência de um treinamento direcionado para a posição, proporcionando a melhoria destas características e, conseqüentemente, aprimorando o seu desempenho em específico e da equipe em geral (Medina; Parra, 2008).

Um recente estudo indicou que a maioria das equipes de categorias de base de handebol no Brasil, incluindo equipes escolares e vinculadas a clubes, possuem treinamento específico de goleiros (TEG), evidenciando uma valorização desta posição (Cruz *et al.*, 2022). No entanto, não temos esclarecidos os motivos que levam algumas destas equipes a não possuírem TEG. De maneira empírica, é possível especular possíveis motivos ao observarmos a realidade da modalidade no Brasil, porém, apenas a partir da constatação científica dos motivos que será possível buscar iniciativas para propor melhorias.

Assim, torna-se relevante compreender melhor a realidade das equipes que não realizam o TEG para encontrar alternativas que possam auxiliar na superação de tais dificuldades e o e na implementação do TEG no maior número possível de equipes de handebol. Portanto, o objetivo do presente estudo foi descrever os principais motivos apontados pelos treinadores das equipes que não possuem treinamento específico para goleiros no Brasil.

## 2 Metodologia

Esta pesquisa possui delineamento transversal, de cunho quantitativo e descritivo. A amostra é caracterizada como não aleatória por conveniência, tendo a coleta de dados sido realizada com base em ferramentas de investigação do método bola de neve virtual (Costa, 2018).

O critério de seleção estabelecido para participar da pesquisa foi o de atuar com handebol. A partir disso, primeiramente, foram excluídos os profissionais que afirmaram possuir treinamento específico em suas equipes, e após, foram excluídos os participantes que desempenhavam outras funções na equipe que não a de treinador. Assim, compuseram a amostra deste estudo os treinadores principais que não dispunham de TEG nas equipes.

Quanto aos aspectos éticos, este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Escola Superior de Educação Física, da Universidade Federal de Pelotas, sob o parecer 4.436.955. Todos os participantes consentiram em participar do estudo aceitando ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido no início do instrumento de coleta.

Este estudo foi realizado com um questionário on-line, contendo perguntas abertas e fechadas, elaborado na plataforma *Google Forms*. As questões foram estruturadas com base no estudo de Salles *et al.* (2009), sendo adaptadas para responder aos objetivos da pesquisa. A estrutura geral do questionário abordou aspectos de perfil demográfico e profissional (idade; sexo; estado de atuação; local, categorias e sexo em que atua; participação em competições e remuneração), e formação acadêmica.

Ainda, foi questionado aos profissionais que não possuíam treinamento específico em sua equipe: "Qual(is) o(s) motivo(s) para que esse treinamento específico para goleiros(as) NÃO aconteça?". Nesta pergunta fechada era possível marcar mais de uma alternativa e foram apresentadas as seguintes opções de resposta: Falta de conhecimento; Falta de material sobre o tema; Falta de cursos de formação sobre o tema; Falta de interesse por parte dos goleiros e/ou goleiras; Tempo insuficiente para contemplar; Não ocorre devido à idade dos(as) atletas; e Outro (descrever motivo). Por fim, havia uma pergunta aberta com "Espaço para complementar resposta caso necessário", visando que os profissionais pudessem argumentar suas respostas e ficassem com espaço livre para manifestar algum esclarecimento.

Antes de dar início à coleta de dados, foi executado um estudo piloto para avaliar a clareza do instrumento de pesquisa. Esse piloto foi feito por meio da análise de 15 participantes, com diferentes perfis, sendo treinadores de handebol, futsal, treinadores específicos de goleiros de handebol experientes, profissional não ligado à Educação Física, acadêmicos de graduação e de mestrado em Educação Física. Com base na criteriosa revisão dos participantes foi elaborada a versão final do questionário, com questões estruturadas, claras e concisas para atenderem aos objetivos da pesquisa.

Para recrutamento dos participantes deste estudo foi elaborada uma rede de ampliação de contatos. Essa rede teve como ponto de partida dois grupos no WhatsApp (Escola de Treinadores com aproximadamente 200 participantes de diferentes regiões do Brasil e Handebol RS com 100 membros do Rio Grande do Sul) e e-mails

das federações estaduais de handebol do Brasil (52 contatos disponibilizados pela Confederação Brasileira de Handebol (CBHb), algumas das federações possuíam mais de um e-mail).

No primeiro contato para a coleta de dados foi encaminhada aos grupos de WhatsApp e aos contatos de e-mail uma sucinta explicação sobre o estudo, convidando para participar do mesmo. Ainda, juntamente ao convite, também foi encaminhado o link do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e do questionário.

Em ambos os grupos de Whatsapp, Escola de Treinadores e Handebol RS, esse envio foi realizado em 5 momentos com dias e horários diferentes. Já para as federações, foram enviados e-mails em três momentos, eliminando as que já tivessem retornado. Para as federações que não responderam no segundo envio, buscamos perfis no Facebook e/ou Instagram para contatarmos, visando alcançar todos os estados em nosso estudo.

Outra estratégia com o intuito de ampliar a rede de contatos foi a de buscar por grupos no Facebook com a temática handebol. Foi solicitada a entrada em 10 grupos após realizar uma busca com a palavra "Handebol". Por fim, foi possível realizar uma postagem em 7 destes grupos, explicando sobre o estudo e convidando para que os interessados em fazerem parte da pesquisa entrassem em contato. Nestes grupos não foi disponibilizado publicamente o link para a pesquisa, pois muitos eram formados também por praticantes da modalidade. No entanto, foi possível evidenciar um baixo retorno, assim, não ampliamos as buscas nessa rede social.

Além disso, obtivemos auxílio de diversos respondentes que divulgaram o questionário para outros colegas e em grupos de WhatsApp. Ainda, inúmeros profissionais disponibilizaram o número de telefone de colegas para que entrássemos em contato. Sendo assim, o questionário esteve disponível para receber respostas durante quatro semanas (de 22 de fevereiro a 21 de março de 2021) e todas as fases de recrutamento ocorreram nesse período.

As respostas obtidas no instrumento de pesquisa foram analisadas com base na estatística descritiva no programa

estatístico SPSS 20.0. Para as variáveis apresentadas em categorias, foram utilizadas as frequências absolutas e relativas, e para as variáveis numéricas, foram utilizadas a média e o desvio padrão.

### 3 Resultados

A amostra do estudo contou com 66 participantes que afirmaram não possuir TEG em sua equipe. No entanto, 11 foram excluídos pois não eram os treinadores principais da equipe, dessa forma, totalizando um n=55.

Nessa amostra, tivemos participantes de todas as regiões do país (Tabela 1). Já em relação aos estados, não tivemos respondentes em apenas 9, sendo eles: Alagoas, Amapá, Espírito Santo, Paraíba, Rio de Janeiro, Roraima, Rondônia, Santa Catarina e Sergipe. Apenas 3 estados possuíam mais de 3 respondentes: São Paulo, com 14 (25,5%); Rio Grande do Sul, com 7 (12,7%); e Piauí, com 5 (9,1%). Os demais 14 estados e o Distrito Federal possuíam entre 1 a 3 participantes.

Tabela 1. Distribuição dos participantes por regiões

Regiões de atuação (n; %)		
Sul	10	18,2%
Sudeste	15	27,3%
Centro-Oeste	9	16,4%
Nordeste	16	29,1%
Norte	5	9,1%

Fonte: Elaborada pelos autores.

O perfil da amostra foi composto por 67,3% de homens (n=37), com média de idade de 42,07 anos ( $\pm 9,0$ ), sendo 40% entre 40 e 49 anos, 30,9% entre 32 e 39 anos, 20% com idades de 51 a 59 anos, e apenas 9,1% entre os mais jovens, de 25 a 29 anos.

No que diz respeito à formação acadêmica, a grande maioria dos participantes é formada em Educação Física ou Esporte (85,5%), ou estão com a formação em andamento nesta mesma área (5,5%).

Dessa forma, apenas 5,5% não possuem formação e 3,6% estão com a formação em andamento, mas não especificaram a área ou informaram não ser em Educação Física ou Esporte. Ademais, 54,5% dos treinadores afirmaram possuir pós-graduação.

Ao falarmos sobre trabalho com categorias de base, foi informado pelos participantes que 74,5% atuam no momento; 18,2% já atuaram, mas atualmente não trabalham; e apenas 7,3% nunca trabalharam com as categorias de base.

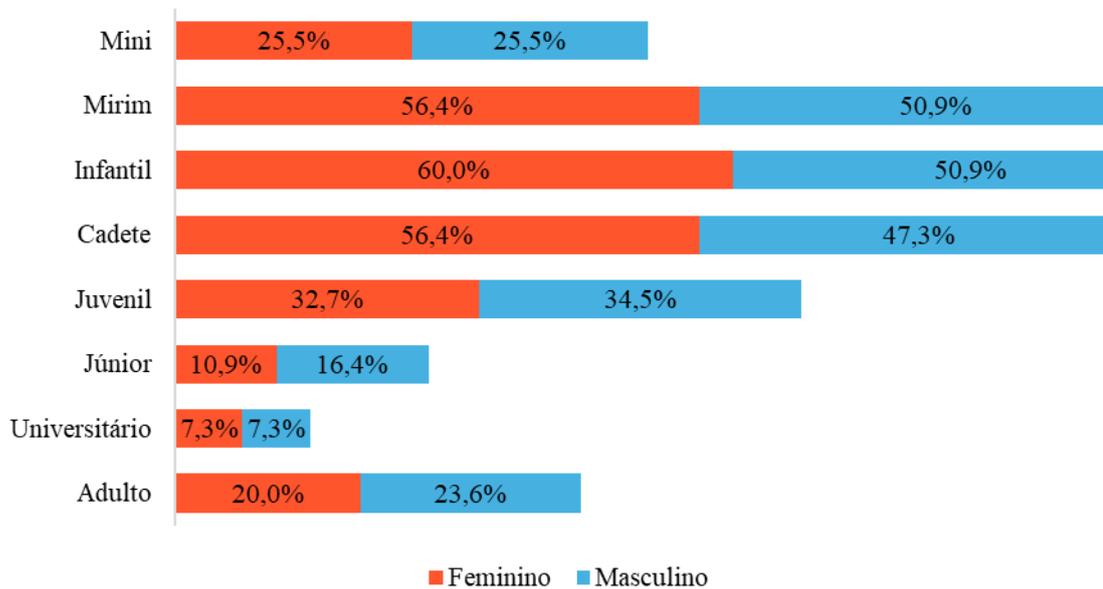
**Tabela 2. Descrição dos locais de atuação dos treinadores**

Locais em que atua (n; %)*		
Escola	34	61,8%
Clube	15	27,3%
Prefeitura	9	16,4%
Federação Estadual	4	7,3%
Universidade	3	5,5%
CBHb	1	1,8%
Outros	2	3,6%
Quantidade de locais em que atua (n; %)		
1	47	85,5%
2	4	7,3%
3	3	5,5%
4 ou mais	1	1,8%

\* Os participantes poderiam marcar mais de uma resposta.  
Fonte: Elaborada pelos autores.

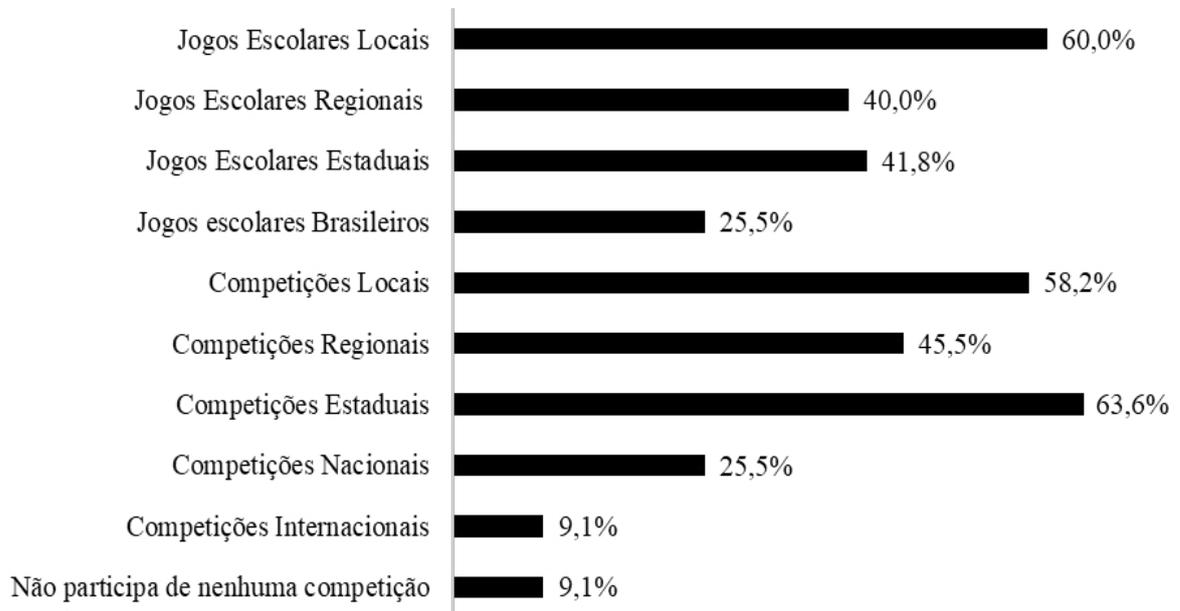
Mais da metade dos treinadores afirmaram atuar tanto no masculino quanto no feminino (54,5%), enquanto 23,6% atuam apenas no masculino e 18,2% apenas no feminino (2 participantes não responderam esta questão). Na Figura 1 a seguir é possível observar a distribuição da atuação por categorias e sexo. Assim, fica evidenciado que a maioria dos profissionais atuam nas categorias de base mirim, infantil e cadete.

Figura 1. Categorias e sexo em que os profissionais atuam\*



\*Os profissionais poderiam marcar mais de uma opção.  
Fonte: Elaborada pelos autores.

Figura 2. Participação em competições\*



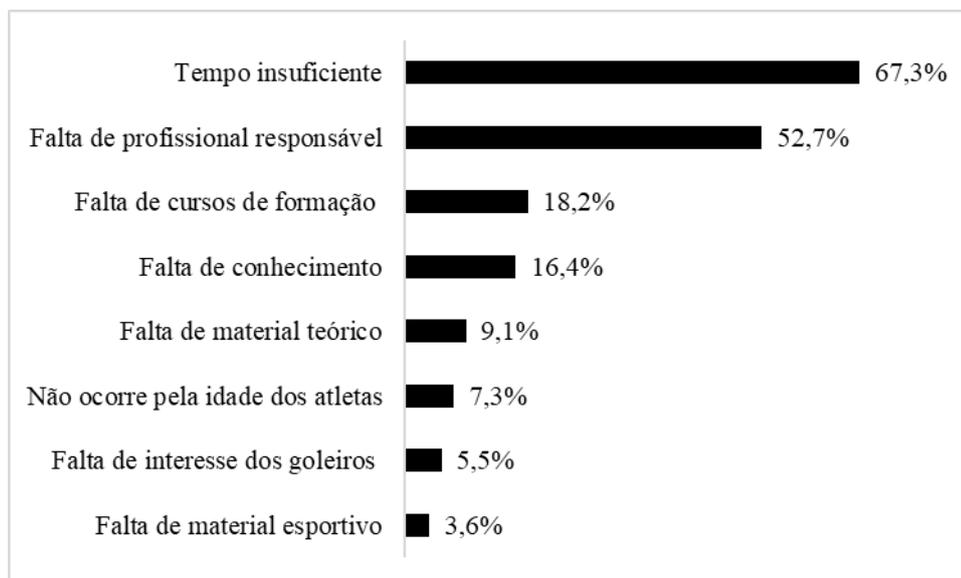
\* Os participantes poderiam marcar mais de uma alternativa.  
Fonte: Elaborada pelos autores.

Ao abordarmos os participantes sobre a remuneração, tivemos como resposta que apenas 30,9% possuem o trabalho

com handebol como principal fonte de renda, enquanto 52,7% recebem pelo trabalho com a modalidade não como sua principal fonte. Ainda, 16,4% não são remunerados pelo trabalho realizado. Além disso, ao questionarmos sobre a composição de uma comissão técnica, a maioria dos treinadores afirmou atuar sozinho na equipe (61,8%).

Quando questionados sobre os motivos para não haver TEG em sua equipe, mais da metade dos treinadores afirmou não ocorrer por falta de um profissional responsável (52,7%) e por tempo insuficiente (67,3%).

**Figura 3.** Motivos para a não existência de TEG\*



\* Os participantes poderiam marcar mais de uma alternativa.

Fonte: Elaborada pelos autores.

Nosso questionário trazia a possibilidade de complementar a resposta, caso fosse necessário. Dessa forma, um dos profissionais afirmou que durante as suas práticas não realiza o treinamento específico pois, por atuar na escola, seus alunos vivenciam a linha e o gol. Outra complementação importante foi a do treinador que afirmou ter apenas um goleiro e isso acabar dificultando a organização.

## 4 Discussão

O principal objetivo deste estudo foi descrever os principais motivos para a não existência de treinamento específico de goleiros de handebol em equipes do Brasil. Os resultados indicaram como principais motivos o tempo insuficiente para a inserção do treinamento nas sessões de treino (67,3%) e a falta de um profissional responsável para a função (52,7%). Tais fatores estão possivelmente associados, considerando que 55% dos participantes que indicaram a falta de um profissional para função também relataram que o tempo é insuficiente para contemplar o TEG. Assim, é possível especular que estes dois motivos estejam interligados, pois a presença de um profissional específico para o treinamento de goleiros permitiria ao treinador da equipe a dedicação integral aos jogadores das demais posições. No estudo de Almeida *et al.* (2022), os autores enfatizam a importância de ter um treinador de goleiros na composição da comissão técnica para auxiliá-los a alcançarem um melhor rendimento dentro da equipe.

Além disso, a maioria dos treinadores afirmaram atuar sozinhos na equipe (n=34), e destes, 70,6% afirmaram não ter tempo suficiente para realizar o treinamento específico. Ainda, um dos profissionais trouxe o relato: “Trabalho sozinha e o treino específico para goleiro deve ocorrer separadamente. Não tenho tempo suficiente para tal” (Participante 136, resposta concedida em: 5 mar. 2021). Esta realidade está presente não só no handebol, mas também em outras modalidades no Brasil que ressaltam a carência de recursos humanos atuando em suas equipes (Leonardo, 2018; Lima *et al.*, 2016; Reis *et al.*, 2014; Ferreira *et al.*, 2020; Nunomura; Carbinatto; Carrara, 2013).

Ademais, a falta de tempo também pode estar ligada ao fato de que 69,1% da amostra não tem esse trabalho como principal fonte de renda. Por conseguinte, isso faz com que o profissional tenha a necessidade de dividir sua dedicação com outras tarefas além do treinamento da equipe. Esse contexto relacionado à remuneração também parece ocorrer em outras modalidades (Reis *et al.*, 2016; Egerland; Nascimento; Both, 2009). Entretanto,

em nosso estudo, não foi possível indicar as especificidades relativas a essa falta de tempo. Para melhor compreensão desse fator, seria importante que novos estudos analisassem se a falta de tempo está relacionada ao planejamento, à implementação dentro da sessão de treinamento, ou de um momento separado para o goleiro.

Um dado interessante para ser evidenciado é que a maioria dos treinadores atua em escolas. Conforme afirmou um respondente que trabalha com escolares: “[...] todos aprendem um pouco, tanto na linha como no gol” (Participante 208, resposta concedida em: 12 mar. 2021). Esta informação poderia explicar o fato de não haver TEG. Apesar de ser importante proporcionar experiências nas diferentes funções do jogo, principalmente na iniciação à modalidade, apenas 9,1% de profissionais relataram não participar de nenhuma competição. Desta forma, a grande maioria participa de algum nível de competição, evidenciando uma possível necessidade de treinamento estruturado em posições.

A atribuição à falta de conhecimento, o pouco acesso a cursos de formação e de material teórico somaram 43,7% de motivos para a inexistência de treinamento específico nestas equipes. Embora com uma frequência inferior aos dois motivos anteriormente mencionados, isto forma um conjunto de fatores ligado à formação profissional que necessitam ser considerados e discutidos.

Nesse sentido, apesar de mais de 85% dos participantes já terem formação concluída em Educação Física ou Esporte, o que atualmente é obrigatório para a atuação como treinador no Brasil, esta formação parece não dar subsídios suficientes para a atuação prática dos treinadores, indo ao encontro com diversos estudos da literatura (Modolo *et al.*, 2017; Uezu 2014; Musa *et al.*, 2017). Tendo isso em vista, cursos de formação específica de cada modalidade tornam-se fundamentais para o desenvolvimento dos profissionais que nela atuam. Estes momentos podem ser ofertados por entidades responsáveis (CBHb ou federações estaduais), bem como por associações esportivas ou universitárias (Uezu, 2014).

A literatura já aponta para essa falta de oportunidades de formação para os treinadores de handebol (Milistetd *et al.*, 2016;

Musa *et al.*, 2017). Franceschi e Menezes (2023) complementam propondo que a CBHb deveria ter um envolvimento maior com o processo de formação dos treinadores, tendo em vista suas responsabilidades e atribuições no que diz respeito ao desenvolvimento da modalidade. Já no estudo de Musa *et al.* (2017), que trouxe a opinião dos treinadores do estado de São Paulo a respeito das iniciativas da CBHb e da Federação Paulista de handebol, evidenciou a falta de oportunidades de formação (curta e/ou longa duração) oferecidas pelas instituições. Logo, Menezes *et al.* (2017) complementam esta premissa expondo que determinadas iniciativas destas instituições não contemplam o cotidiano de muitos treinadores, tornando a aprendizagem não significativa.

## 5 Conclusão

É importante ressaltar a relevância de entender a realidade de uma modalidade por meio da pesquisa, para que na prática possamos encontrar maneiras de aprimorar o esporte. Dessa forma, demonstramos em nosso estudo que tempo insuficiente e a falta de profissional responsável são os dois principais motivos para que não existam treinamento específico de goleiros de handebol. E o terceiro principal motivo é a soma de falta de conhecimento, material teórico e cursos de formação.

Apesar da importância do estudo, um fator limitante a ser apontado é a utilização de um questionário com perguntas fechadas, pois reduziu a possibilidade de compreender especificidades da realidade dos treinadores. Porém, essa decisão metodológica se deu alinhada ao objetivo principal deste estudo de compreender o panorama geral da modalidade no país.

Ademais, o fato de a amostra ter sido por conveniência, aponta uma lacuna por afetar a representatividade. O baixo número de respondentes pode estar relacionado a este artigo fazer parte de um estudo maior que buscou compreender como se dá o treinamento específico de goleiros nas categorias de base do Brasil (Cruz, 2021). Assim, é possível que em alguns

casos os profissionais que não realizavam treinamento específico não acessassem o questionário. E por fim, o estudo foi realizado enquanto ainda prevaleciam diversas medidas de distanciamento social em função da COVID-19, o que pode ter afetado a realidade de diversas equipes do país.

Entretanto, buscando minimizar essas lacunas, o título do questionário não mencionava o termo “treinamento específico” para não restringir o acesso. Obtivemos representantes de todas as regiões do país e solicitamos auxílio de todas as federações estaduais. É possível que caso houvesse uma maior adesão das federações, fornecendo contatos dos treinadores de seus estados, teríamos uma amostra maior. No entanto, foram poucas as que contribuíram nesse processo de construção da rede de ampliação de contatos.

Apesar das lacunas apontadas, este estudo possibilitou apresentar evidências científicas dos motivos para que o TEG não ocorra nas equipes. Assim, com base nos resultados apresentados, foi possível observar a relevância de estudos descritivos para que as instituições compreendam as demandas que os profissionais que atuam na modalidade vivenciam, apresentando dados da atual conjuntura do handebol no Brasil, tornando possível que o planejamento de medidas para o desenvolvimento do handebol e do trabalho com goleiros seja tomado com base na realidade.

Ainda, são necessários estudos que investiguem de forma aprofundada o contexto de cada nível de atuação, analisando separadamente equipes escolares e de clubes, e de acordo com a participação em competições de diferentes níveis. Outra análise a ser aprofundada é a realidade TEG em equipes de categoria de base por macrorregiões e estados do país. Em adição, estudos futuros podem analisar de forma específica, em profundidade, como a falta de tempo interfere na organização e realização do TEG e quais são as razões para que não haja profissionais específicos para o treinamento de goleiros, contribuindo para a melhor compreensão dos dois principais fatores indicados pelos treinadores para a inexistência do TEG em equipes de categorias de base de handebol.

## Referências

AGUILAR, L. F.; SÁNCHEZ, L. M.; PUIG, R. A. M. Desempeño técnico-tácticas de los porteros durante el juego de balonmano. **Arrancada**, [s. l.], v. 21, n. 39, p. 83-94, maio 2021. Disponível em: <https://revistarrancada.cujae.edu.cu/index.php/arrancada/article/view/392>. Acesso em: 27 abr. 2024.

ALBERTO, P. D.; FIGUEIREDO, L. S.; APOLINÁRIO-SOUZA, T. Características Perceptomotoras do Goleiro de Handebol: uma revisão sistemática. **Revista Mineira de Educação Física**, [s. l.], v. 24, n. 3, p. 28-45, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/revminef/article/view/9880/5436>. Acesso em: 12 jul. 2024.

ALMEIDA, G. A. *et al.* Influência do treinamento específico para goleiros de futsal. **Revista Faipe**, Cuiabá, v. 12, n. 1, p. 54-63, jan./jun. 2022. Disponível em: <https://portal.periodicos.faipe.edu.br/ojs/index.php/rfaipe/article/view/34/31>. Acesso em: 25 abr. 2024.

COSTA, B. R. L. Bola de Neve Virtual: O Uso das Redes Sociais Virtuais no Processo de Coleta de Dados de uma Pesquisa Científica. **Revista Interdisciplinar de Gestão Social**, [s. l.], v. 7, n. 1, p. 15-37, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/rigs/article/view/24649>. Acesso em: 29 abr. 2024.

CRUZ, J. H. B. **Treinamento de goleiros de handebol: estudo descritivo em equipes nas categorias de base no Brasil**. 2021. 107 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Escola Superior de Educação Física, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2021. Disponível em: <https://guaiaca.ufpel.edu.br/handle/prefix/8360>. Acesso em: 30 abr. 2024.

CRUZ, J. H. B. *et al.* Planning and execution of handball goalkeepers training: a descriptive study in youth categories teams in Brazil. **Motriz: Revista de Educação Física**, [s. l.], v. 28, p. 1-9, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/s1980-657420220009322>. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/motriz/a/8N3PwZCCGp7bJjyxC84rKck/?lang=en>. Acesso em: 27 mar. 2024.

EGERLAND, E. M.; NASCIMENTO, J. V.; BOTH, J. As competências profissionais de treinadores esportivos catarinenses. **Motriz**, Rio Claro, v. 15, n. 4, p. 890-899, out./dez. 2009. DOI: <https://doi.org/10.5016/2946>. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/motriz/article/view/2946>. Acesso em: 27 abr. 2024.

FERREIRA, M. C. C. *et al.* Recursos financeiros, materiais e humanos para o desenvolvimento de atletas olímpicos brasileiros de saltos ornamentais. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, Campinas, v. 34, n. 2, p. 271-281, jun. 2020. DOI: <https://doi.org/10.11606/1807-5509202000020271>. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/171279>. Acesso em: 30 abr. 2024.

FONTÉN, R. G.; BERNAL, Y. S.; JOVA, A. N. B. Control y evaluación de la preparación de los porteros de balonmano. **Conrado**, Cienfuegos, v. 17, n. 80, p. 268-276, jun. 2021. Disponível em: [http://scielo.sld.cu/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1990-86442021000300268](http://scielo.sld.cu/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1990-86442021000300268). Acesso em: 27 abr. 2024.

FRANCESCHI, V. A. B.; MENEZES, R. P. Diretrizes de (con) federações nacionais para o desenvolvimento de treinadores de handebol em uma perspectiva de longo prazo. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 26, e74574, 2023. DOI: <https://doi.org/10.5216/rpp.v26.74574>. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fef/article/view/74574>. Acesso em: 30 abr. 2024.

HANSEN, C. *et al.* Performance analysis of male handball goalkeepers at the World Handball championship 2015. **Biology of sport**, [s. l.], v. 34, n. 4, p. 393-400, out. 2017. DOI: <http://doi.org/10.5114/biolsport.2017.69828>. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC5819469/#>. Acesso em: 30 abr. 2024.

HUESMANN, K. *et al.* Expert goalkeepers' and coaches' views on anticipation and cue utilisation facing backcourt throws in handball goalkeeping. **Frontiers in Sports and Active Living**, [s. l.], v. 5, p. 1-12, out. 2023. DOI: <http://doi.org/10.3389/fspor.2023.1215696>. Disponível em: <https://www.frontiersin.org/articles/10.3389/fspor.2023.1215696/full>. Acesso em: 28 abr. 2024.

LEONARDO, A. F. M. S. **A realidade do handebol em Uberlândia a partir da visão dos treinadores de referência da cidade.** 2018. 20 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/23517?locale=es>. Acesso em: 30 abr. 2024.

LIMA, L. B. Q. *et al.* Análise das condições de desenvolvimento da ginástica artística no Estado de São Paulo. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, Campinas, v. 30, n. 1, p. 133-143, jan. 2016. DOI: <https://doi.org/10.1590/1807-55092016000100133>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbefe/a/byJrKrsdR46PydCCYrXjHP/abstract/?lang=pt#>. Acesso em: 27 abr. 2024.

MEDINA, A. A. **La interceptación en la portera de Balonmano: efectos de un programa de entrenamiento perceptivo-motriz.** 2003. 360 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Facultad de Psicología, Universidad de Murcia, Murcia, 2003. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/tesis?codigo=217079>. Acesso em: 28 ago. 2024.

MEDINA, A. A.; PARRA, M. M. G. La especificidad de la condición física del portero de balonmano. **E-balonmano. com: Revista de Ciencias del Deporte**, Mérida, v. 4, n. 1, p. 5-12, 2008. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/865/86540102.pdf>. Acesso em: 29 abr. 2024.

MENEZES, R. P. *et al.* Influence of normative institutions of handball for coaches learning: standpoint of Sao Paulo state coaches. **E-balonmano. com: Revista de Ciencias del Deporte**, Mérida, v. 13, n. 3, p. 183-190, 2017. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=86554636001>. Acesso em: 30 abr. 2024.

MILISTETD, M. *et al.* Coaches' development in Brazil: structure of sports organizational programmes. **Sports Coaching Review**, [s. l.], v. 5, n. 2, p. 138-152, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1080/21640629.2016.1201356>. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/21640629.2016.1201356>. Acesso em: 30 abr. 2024.

MODELO, F. *et al.* Contextos e situações de aprendizagem de treinadores de handebol em âmbito escolar. **Movimento**, [s. l.], v. 23, n. 4, p. 1203-1216, 2017. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.71699>. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/71699>. Acesso em: 30 abr. 2024.

MUSA, V. D. *et al.* Representações dos treinadores sobre o papel das instituições reguladoras do handebol para a sua formação. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, [s. l.], v. 17, n. S1.A, p. 298-306, 2017. DOI: <https://doi.org/10.5628/rpcd.17.s1a.298>. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/002928886>. Acesso em: 27 abr. 2024.

NUNOMURA, M.; CARBINATTO, M. V.; CARRARA, P. D. S. Reflexão sobre a formação profissional na ginástica artística. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 16, n. 2, p. 469-483, abr./jun. 2013. DOI: <https://doi.org/10.5216/rpp.v16i2.17345>. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fef/article/view/17345/14630>. Acesso em: 30 abr. 2024.

REIS, C. P. *et al.* Recursos humanos, financeiros e materiais de atletas de basquetebol nas categorias de base e a percepção dos treinadores sobre a formação dos atletas. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, Campinas, v. 28, n. 3, p. 491-503, jul. 2014. DOI: <https://doi.org/10.1590/1807-55092014000300491>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbefe/a/zZMYSqh8fwqP8TH3J3tLQsH/abstract/?lang=pt#>. Acesso em: 27 abr. 2024.

REIS, C. P. *et al.* Treinadores da categoria de base do basquetebol masculino brasileiro: trajetória profissional e condições laborais. **Revista de Educação Física/Journal of Physical Education**, [s. l.], v. 85, n. 2, p. 66-75, 2016. DOI: <https://doi.org/10.37310/ref.v85i2.146>. Disponível em: <https://revistadeeducacaofisica.emnuvens.com.br/revista/article/view/146>. Acesso em: 28 abr. 2024.

SALLES, J. G. C. *et al.* O goleiro de handebol – da iniciação ao treinamento – o que se tem feito? **Coleção Pesquisa em Educação Física**, Várzea Paulista, v. 8, n. 1, p. 63-170, 2009. Disponível em: <https://www.fontouraeditora.com.br/periodico/article/394>. Acesso em: 28 abr. 2024.

UEZU, R. **Análise das propostas e iniciativas da Confederação Brasileira de Handebol para o aprimoramento profissional**. 2014. 114 f. Tese (Doutorado em Ciências) – Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. DOI: <https://doi.org/10.11606/T.39.2014.tde-26112014-111347>. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/39/39133/tde-26112014-111347/pt-br.php>. Acesso em: 30 abr. 2024.

## Publisher

Universidade Federal de Goiás. Faculdade de Educação Física e Dança. Publicação no Portal de Periódicos UFG. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.